

NARRATIVIDADE E CIENTIFICISMO: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DOS SUJEITOS DE CANUDOS EM EUCLIDES DA CUNHA

NARRATIVITY AND SCIENTIFICISM: THE LITERARY CONSTRUCTION OF THE CANUDOS SUBJECTS IN EUCLIDES DA CUNHA

**Fernanda
Rodrigues Lagares¹**

Endereço profissional: Rua José de Brito Soares, nº1015, Setor Anhanguera,
CEP:65907-230.
E-mail: fernanda.lfcg@gmail.com

**Euclides Antunes
de Medeiros²**

Endereço profissional: Av. Paraguai, 1033-1111- Lot. Araguaína Sul. Araguaína
-TO. 77827-050.
E-mail: euclides.antunes@uol.com.br

Resumo: Propomos problematizar a estrutura de sentido/sentimento que orienta Euclides da Cunha a construir narrativamente uma atmosfera capaz de fazer com que seu leitor não apenas compreenda os significados contidos em sua obra, mas também construa estratégias interpretativas acerca do universo narrado. Para isso tomamos dois momentos da obra, a alegoria *Hércules-Quasimodo* e a metáfora da luta entre *a Sucuri e o Touro*, aqui entendidas como ideias-forças, mobilizadas pelo autor para figurar os Canudenses e seus opositores.

Palavras-chave: Cientificismo; Euclides da Cunha; Literatura.

Abstract: We propose to discuss the structure of meaning/feeling that guides Euclides da Cunha to build through literary narrative an atmosphere capable of making the reader not only understand the meanings contained in his book, but also constructs interpretive strategies about the narrated universe. For this, we taken two moments of the book, the Hercules-Quasimodo allegory and the metaphor of the fight between the Sucuri and the Bull, here understood as ideas-forces mobilized by the author to figure the Canudenses and their opponents.

Keywords: Scienticism; Euclides da Cunha; Literature.

1 Chefe da Unidade de Contratos do Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins; Mestranda do Programa Interdisciplinar de estudos em cultura e território; Especialista em direito público e didática do ensino superior.

2 Professor adjunto do curso de história, UFT- Araguaína; professor efetivo do PPGCULT, Programa interdisciplinar de estudos em cultura e território; líder do grupo de pesquisa "História Regional: memórias e territorialidades"; Editor da revista Escritas do curso de história/UFT/Araguaína.

Apresentação

A narrativa de Euclides da Cunha nos leva a defender uma leitura que integre a vertente literária e a científica do seu discurso, sem que haja subordinação de uma pela outra. A nosso ver, a narrativa euclidiana cria para o leitor de *Os Sertões* uma maneira de “ver” o “mundo” vazada pela obra, que vai ao encontro do apontado por White (1994), ao indicar que a história possui elementos de ficção e a ficção possui elementos de verossimilhança.

Em nosso entender, Euclides da Cunha combinou características de “duas maneiras de conhecer o mundo”³ para representar o sertão, o sertanejo e a guerra de Canudos. Provavelmente, como resultado de uma inclinação literária desde cedo apresentada, de uma formação positivista recebida na escola militar e de uma experiência marcante em Canudos, buscando legitimidade perante seus pares, o autor de *Os Sertões* revela (inclusive por meio da citação de cientistas e teorias) influências do positivismo, determinismo e naturalismo, bem como utiliza com frequência termos técnico-científicos e recursos literários em sua busca de decifrar e relatar, com suposta precisão, o sertão e o sertanejo. Conforme segue catalogando as espécies da flora sertaneja e definindo o homem do sertão por meio da sua distinção do homem do litoral, sua narrativa se mostra capaz de despertar no leitor *sensações táteis muito vivas*, uma vez que manifesta em “cores intensas” sua sensibilização e admiração em face do sofrimento e da força do sertanejo, produz efeito similar nos leitores. O resultado dessa tessitura deixa vazar os sentimentos contraditórios do autor acerca do que *conhece* e do que *vê*.

Difícil é problematizar *Os Sertões*, obra tão vasta, rica e complexa. Tomamos então dois momentos da obra que entendemos como ideias-forças⁴ mobilizadas pelo autor para figurar os canudenses e seus opositores – as tropas federais – a partir de representações antitéticas que compõem, há um só tempo, os seus trabalhos científico e literário. Tais ideias-forças estão contidas, não por acaso, nas duas últimas das três partes de *Os Sertões: O Homem e A Luta*, respectivamente.

A primeira ideia-força, em grande medida, sintetiza sua percepção do sertanejo

3 Para construir tal afirmação consideramos Fiorin (2008), que, ao tratar sobre o conhecimento literário relacionando-o ao científico, escreve: Há duas maneiras de conhecer o mundo. Uma é a da ciência, que vê a realidade como um espaço em que tudo está catalogado e separado. Denotativa e parcial, define e distingue sempre de maneira incompleta; e a outra é a da literatura, que vinculada ao mundo dos sentimentos, é uma visão com cores intensas e sensações táteis muito vivas. É a leitura que “apreende os sentimentos contraditórios que movem os homens”. FIORIN, José Luiz. Em busca do sentido. Estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83.

4 Expressão mobilizada por Abraham Magendzo (2009), segundo esse autor as ideias-força “Estão fortemente enraizadas no tempo histórico, entendido como criação, como produção de diferenças e diversidades, como transformação, como movimento, em definitiva, como um processo”. Tomamos aqui ideia-força no sentido de uma representação de algo por meio do pensamento, expresso retoricamente, com vistas a uma proposição. Ou seja, representação construída intelectualmente e dotada de uma intencionalidade que produza ação, no caso de Euclides da Cunha, o anseio de civilizar o sertão. Nesse sentido o enraizamento no tempo histórico das representações do atavismo do sertanejo e a oposição entre litoral civilizado e sertão “bárbaro” são mobilizados por Euclides da Cunha por meio de metáforas que enunciam um desejo civilizador. MAGENDZO, Abraham. Pensamiento e ideas-fuerza en la educación en derechos humanos en Iberoamerica Santiago (Chile). OIE-Chile; CREALC-UNESCO, 2009.

como um ser paradoxal e é vazada narrativamente pela alegoria *Hércules-Quasímodo*; a segunda sintetiza a luta entre os sertanejos de canudos e as tropas federais, luta construída por meio da metáfora do embate entre *a Sucuri* e o *Touro*. A proposta deste artigo é problematizar a estrutura de sentido/sentimento que orienta Euclides da Cunha a construir, narrativamente, uma atmosfera capaz de fazer com que seu leitor não apenas compreenda os significados contidos em sua narrativa, mas que possa construir estratégias interpretativas acerca do universo narrado. Nesse caso, no entender de Euclides da Cunha, para que o leitor fosse capaz de interpretar o universo narrado, nos parece ter sido necessário que ele, autor, conseguisse construir, enquanto narrador, artifícios literários capazes de integrar um discurso científico aos instrumentos estéticos.

As estruturas de sentido/sentimento agenciam os modos pelos quais uma determinada presença literária se constitui como ideia-força, ou seja, como uma determinada presença literária se constitui como uma ideia capaz de produzir efeitos estéticos e socioculturais. Segundo Raymond Williams, essa estrutura se constitui de

Elementos característicos de impulso, contenção e tom; elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não dos sentimentos em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal qual como sentido e de sentimento tal qual como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada. Estamos então definindo esses elementos como uma “estrutura”: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engendradas e em tensão⁵.

Construída por Williams (1979), essa noção permite ao estudioso compreender que sentimentos e pensamentos não se opõem, mas, ao contrário, se complementam, construindo a consciência prática de uma determinada época. No caso de Euclides da Cunha, essa estrutura atua de duas formas e em dois momentos. Na primeira forma e momento, se trata da posição do autor em relação à sociedade científica de sua época – a qual ocasiona o efeito de sentido de objetividade em seu texto e forja alguns dos sentidos de seu discurso. A forma assumida, nesse caso, é a das descrições e da expressividade dos campos científicos, como são os casos da geologia e da geografia. Na segunda forma e momento, se trata da escrita de *Os Sertões* que, nessa circunstância, evoca a condição humana do autor, conduzindo-lhe à posição de narrador. Narrar, nesse caso, de um lado, mobiliza os impulsos criativos e afetivos de Euclides da Cunha e, de outro, ocasiona os efeitos estéticos da obra.

Em outras palavras, o mundo narrado de *Os Sertões* mobiliza, numa mão,

⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1979. p.134.

padrões, valores e experiências estéticas e, em outra, agencia expectativas interpretativas do social e da ciência; porém, ambas as dimensões estão interligadas pela estrutura metafórica da obra. Todavia, a mobilização, nesse artigo, da noção de estrutura de sentido/sentimento não se resume à compreensão da dinâmica da construção da obra e de seus sentidos, pois também é possível que o estudioso interprete-a “metodologicamente [como] uma hipótese cultural derivada na prática da tentativa de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, [pois esses elementos são] a verdadeira fonte das categorias especializadoras do ‘estético’, das ‘artes’ e da ‘literatura imaginativa”⁶.

As estruturas de sentido/sentimento que surgem em *Os Sertões* expressam-se na obra em uma atmosfera que agencia as imagens, os tons e as nuances da paisagem e do meio natural, arquitetam uma vividez para o sentir e o pensar, mas quase sem tornar evidentes esses artifícios de linguagem. Tomemos, nesse ponto, as proposições de Hans Ulrich Gumbrecht (2014), assumindo que os estados de espírito e as atmosferas específicas se apresentam como nuances que “desafiam o poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar”⁷, ou seja, capazes de captar e de representar os sentimentos e as relações que traduzem a interpretação do enredo.

Ao lado do naturalismo literário, da prevalência da natureza, do olhar voltado para o homem em sua dimensão animalizada (como é o caso da segunda ideia-força que evocamos), da conjugação de conhecimento científico e linguagem literária, dos efeitos de iconicidade e de um forte posicionamento político do autor, eles aparecem na forma, conteúdo e estilo da obra de Euclides da Cunha – quer seja intencionalmente, como recurso para a criação dos efeitos de sentidos desejados quer seja ingenuamente, em razão da afetação do autor pela experiência vivida no sertão da Bahia.

Dito de outra forma, pela sua ambientação atmosférica ou, ainda, como um processo resultante tanto de um posicionamento consciente quanto inconsciente, na mesma medida, devido à estrutura de sentido/sentimento na qual está imersa, o resultado é o mesmo: a imortalização de *Os Sertões* e a criação em palavras de um sertão, de um sertanejo e de um conflito detentores de múltiplos sentidos.

O Sertanejo

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”⁸. Essa é a primeira afirmação de Euclides da Cunha em *Os Sertões* após ter se comprometido a reproduzir, “intactas”, todas as impressões que teve ao se deparar com o sertanejo, a qual é, provavelmente, a frase

6 Ibidem, p.135.

7 GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung*. Sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2014. p.12.

8 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. 5ª edição corrigida. Rio de Janeiro: Francisco Alves & cia, 1914. p.114

mais conhecida da obra. Taxativa, enfática, sonora e, literariamente, poética, tal assertiva evidencia a maneira pela qual o autor pretende apresentar aos seus leitores o mestiço que não só se configura como exceção às determinações científicas, mas que, principalmente, seria “o cerne da nossa nacionalidade”⁹.

Realizando, narrativamente, comparações entre o mestiço do sertão e o mestiço do litoral, já que, em geral, como explica Culler (1999)¹⁰, o sentido se baseia na diferença, na sequência, emenda: “Não tem o rachitismo exaustivo dos mestiços neurasthenicos do littoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário”¹¹, possibilitando ao leitor inferir que o mesmo não ocorre com o mestiço do litoral, e conclui: “Falta-lhe a plastica impecavel, o desempenho, a estrutura correctissima das organizações athleticas”¹².

Essa linguagem poética, no entanto, não elimina a presença de uma influência do discurso científico na composição da representação do sertanejo. Euclides da Cunha, em conformidade com os princípios positivistas, busca decifrar a natureza do sertanejo, sua fisionomia, crenças, valores, personalidade e modos de vida. E é assim, conjugando estilo acadêmico e literário, que forja o seu estilo, o qual, nos termos de Schneider (2013), “[...] não é verniz, mas um modo de pensar, na medida em que a linguagem não é uma variável neutra”¹³.

As concepções narradas acerca do sertão, dos sertanejos e da guerra que recebeu, como missão, a incumbência de cobrir e as concepções emergentes, quase antitéticas à sua formação, elaboradas a partir da experiência da expedição a Canudos – revelando o seu posicionamento político combativo –, nos fazem compreender que o estilo da narrativa de Euclides da Cunha, formado por linguagem literária e teorias científicas, afirmações contraditórias, paradoxos, metáforas, antíteses, ironias, métricas e ritmos, ao mesmo tempo em que revela o conflito de sentimentos, pensamentos e posicionamentos supostamente vivenciados pelo próprio autor, traduz o seu desejo de capturar e retratar a essência do sertão, do sertanejo e da guerra de Canudos.

Com essa perspectiva, trazemos o que se escreve sobre a fisionomia e o comportamento dos sertanejos:

E’ desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflecte no aspecto a fealdade typica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quasi gigante e sinuoso, apparenta a translação de membros desarticulados. Aggrava-o a postura normalmente abatida, num

9 Ibidem, p.218.

10 CULLER, Jonathan. Teoria Literária. Uma introdução. São Paulo: Beca produções culturais Ltda., 1999.

11 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.114.

12 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

13 SCHNEIDER, Alberto Luiz. Pensamento social e linguagem n’Os Sertões de Euclides da Cunha: entre a ciência europeia e a experiência sertaneja, vol.9, n.2, 2013. p.81.

manifestar de displicência que lhe dá um carácter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavallo, se soffreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cae logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sella. Caminhando, mesmo a passo rapido, não traça trajetoria rectilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear caracteristico, de que parecem ser o traço geometrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cae logo — cae é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilibrio instavel, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adoravel.¹⁴

No excerto acima, Euclides da Cunha, ao narrar a fisionomia e o comportamento do sertanejo, inicia dizendo que esse mestiço é “um forte” e depois afirma que lhe falta a “estrutura corretíssima das organizações atléticas”: constrói, assim, a tessitura de uma apresentação paradoxal do sertanejo, a qual pode ser sintetizada na figura que cria do “Hércules-Quasímodo”. Antes de passarmos a analisar a forma e o conteúdo dessa figura, merecem destaque dois fatores revelados apenas pela sua composição. O primeiro é que, em razão dos conhecimentos que mobiliza para criá-la, o autor de *Os Sertões* busca construir-se de modo a evidenciar a potência de seu suposto arsenal cultural, o qual, como já dito, seria composto, fortemente, tanto por uma formação científica quanto pelo conhecimento literário; o segundo é que, pelo mesmo motivo, mas em outra perspectiva, a dos conhecimentos necessários para entendê-la, a figura sinaliza mais uma vez que o público para o qual esse livro se destina é um público culto.

Como alegoria do sertanejo, a figura do “Hércules-Quasímodo” também se constitui por meio de uma figura de linguagem: o oximoro. No caso, a conjugação das características tidas como opostas do herói da mitologia grega às do célebre personagem de Victor Hugo. Ao conjugarmos a força sobre-humana de Hércules, filho de um deus, que também é belo, com a fisionomia disforme e grotesca do Quasímodo, que tem sua força física, como a de todo humano, limitada, construiu-se a imagem do sertanejo que, apesar de forte, “reflecte no aspecto a fealdade typica dos fracos”¹⁵.

Na passagem transcrita, essa figura é antecipada por uma afirmação composta por uma sequência de três termos com conceitos abstratos colocados como características do sertanejo: “É desgracioso, desengonçado, torto”¹⁶ e imediatamente seguida por uma explicação também realizada a partir de termos com alto grau de abstração: “reflecte no aspecto a fealdade typica dos fracos”¹⁷. Na continuação, no

14 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.114.

15 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

16 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

17 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

entanto, como se para explicar em que consistia essa aparente fraqueza dos sertanejos afirmada por termos abstratos, construções com grau de figuratividade mais intenso são realizadas de modo a produzir no leitor uma percepção sensível do representado. Assim, no final da leitura do parágrafo, o leitor já consegue “ver” a figura icônica do sertanejo caído “de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares”¹⁸.

Além do efeito de iconicidade da passagem, merece destaque a valorização estética que o seu texto recebe pela forma com que é urdido. Já na primeira afirmação, temos acesso às primeiras “notas” de seu ritmo: “É desgracioso, desengonçado, torto”¹⁹. Tal ritmo é impresso pela utilização de dois adjetivos que possuem mais do que significados próximos, possuem também sons semelhantes, e pela quebra dessa sonoridade através da inclusão, sem o conector “e”, de um terceiro adjetivo, mais curto e formado em seu início por fonema distante dos dois anteriores, mas finalizado por um de sonoridade próxima.

O ritmo da passagem ainda é ditado, dentre outros, por uma marcação rigorosa de pausas através dos sinais de pontuação: vírgulas, ponto-e-vírgulas, pontos e travessões distribuídos ao longo do extenso parágrafo de modo a quebrar sua monotonia, e pela repetição do verbo “cai”, especialmente na segunda vez em que é mobilizado, em expressão apresentada entre travessões, o que intensifica a ênfase já dada à frase por meio da repetição da palavra.

O parágrafo é finalizado com a valoração, por meio de mais uma antítese, da simplicidade do sertanejo “a um tempo ridícula e adorável”²⁰, concomitantemente pela combinação desses adjetivos naturalmente opostos. Assim, a adjetivação “ridícula e adorável” reforça a figura do Hércules-Quasímodo e a contradição permanentemente na representação do mestiço do sertão, quer seja porque suas características eram excessivamente paradoxais, quer seja porque as interpretações da ciência e da experiência do autor caminhavam em direções opostas. Apesar de ser na passagem analisada que Euclides da Cunha inscreve a alegoria Hércules-Quasímodo, nela o sertanejo é representado predominantemente de uma maneira negativa. Se descreve sua fealdade, postura abatida, andar desengonçado e fadiga permanente, características que poderiam ser atribuídas ao seu lado Quasímodo. Na sequência do texto, porém, é trazida a sua transformação em Hércules:

18 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.115.

19 Ibidem, p.114.

20 Ibidem, p.115.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço illude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquella organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadeiar das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Impertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias²¹.

A representação da transformação do Quasímodo em Hércules é iniciada por uma frase isolada, capaz de resumir toda uma reflexão ou descrição promovida em longa passagem do texto. Esse recurso, muito frequente em *Os Sertões*, é chamado por Corrêa (1978)²² de frase-síntese, e, no caso em questão, qual seja: “Entretanto, toda esta aparência de cansaço illude”²³, funciona como uma espécie de fechamento da apresentação do caráter Quasímodo do sertanejo e abertura da representação do seu caráter Hércules. A sentença tem, pois, a funcionalidade narrativa de uma “ideia-força”.

Ato contínuo, Euclides da Cunha reforça a sua autoridade de observador na representação do sertanejo ao conjugar o verbo “ver” e ainda declarar, através do termo “surpreendedor”, ter sido impactado por tal visão. Explica, em um parágrafo quase tão longo quanto o que traz o caráter Quasímodo do sertanejo. Opera a transformação do sertanejo, figurado como tabaréu canhestro em um Hércules, aqui trazido como “aspecto dominador de um titã acobreado e potente”, ocorre sempre que um incidente lhe exigisse “energias adormecidas”.

Fazendo um paralelo com a descrição da aparência típica dos fracos, atribuída ao sertanejo antes da transmutação, o narrador retrata uma mudança não só de comportamento, mas também de fisionomia do sertanejo: a cabeça é firmada alta sobre os ombros, o olhar torna-se forte e desassombrado e os efeitos na aparência de um relaxamento excessivo dos órgãos são corrigidos. O impacto de tal transfiguração sobre o narrador é reforçado nas palavras finais, onde mais uma vez ele se declara surpreendido, agora pelo desdobramento de força e agilidade do sertanejo, virtudes ainda qualificadas como “extraordinárias”.

Ainda tratando da transmutação do sertanejo diante de algum incidente que

21 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.115.

22 CORRÊA, Nereu. *A Tapeçaria Linguística de Os Sertões e outros ensaios*. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1978. p. 1-21.

23 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.115.

necessite de suas forças até então adormecidas, é narrada a reação do sertanejo diante da dispersão do gado:

Collado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças á pressão dos jarretes firmes, realisa a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando vallos e ipueiras; vingando comoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheiraes mordentes; precipitando-se, á toda brida, no largo dos tableiros . . .²⁴

A forma sintática com que essa passagem é pontuada determina o ritmo da leitura e, em conjunto com a forma semântica que lhe constrói, orienta sua sonoridade; os diversos verbos no gerúndio: “emergindo”, “mergulhando”, “saltando”, “vingando”, “rompendo”²⁵ causam efeito de movimento e continuação da ação narrada; e a série de adjetivos com dimensões de signos descritivos: “altas” (atribuído às macegas), “célere” (atribuído ao rompimento pelos espinheirais) e “mordentes” (atribuído aos espinheirais), possibilita ao leitor criar uma imagem visual do narrado. Desse modo, o autor potencializa seu poder de persuasão, ao possibilitar o leitor “assistir” a perseguição do gado pelo sertanejo, todos os movimentos daquele “steeple-chase”²⁶ e a transformação do vaqueiro preguiçoso²⁷ em “cavalleiro robusto”²⁸.

Também sendo capaz de evocar imagens sensoriais, isto é, que constroem um efeito de sentido de reprodução do mundo natural, nessa mesma passagem Euclides da Cunha compara, narrando a perseguição do gado disperso, a harmonia entre homem e cavalo à figura do centauro, criatura com cabeça, braços e dorso humanos e com corpo e pernas de cavalo extraído da mitologia grega. Essa insistência no uso de figuras mitológicas para representar o sertanejo, que também é apresentado como Hércules e titã, além de, por escolha pessoal e estilística do autor, poder ser entendida como elemento de figuração do mistério que cerca esse mestiço, que tanto se destoa das leis científicas e tanto contraria sua própria aparência. Seria um meio do autor defender sua tese²⁹, que parece tão frágil diante dos conhecimentos e linguagens próprios da ciência.

Outro fator que merece destaque nessa passagem é a exteriorização sem disfarces dos juízos de valor do autor. Provavelmente isso ocorre em razão da autoridade que julga ter por narrar a partir de sua experiência pelo sertão baiano. Assim, adjetiva de bizarra a criação do já abordado centauro, e o define como áspero e tosco através do

24 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.116.

25 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

26 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

27 Ibidem, p.115.

28 Ibidem, p.116.

29 Tese sobre a “formação das raças brasileiras” onde o autor combate vários cientistas de sua época advogando o sertanejo mestiço como uma raça emergente, devido seu isolamento, que depois de “civilizado”, seria o brasileiro por excelência.

adjetivo “bronco”, esse último, no entanto, pode ser entendido pela pequenez e fragilidade do cavalo anunciadas logo em seguida. Apesar da passagem em análise tratar da transmutação do sertanejo diante de algum incidente que necessite de suas forças até então adormecidas, e seu foco ainda permanecer na força desse mestiço, entendemos que tal figuração imagética antrozoofórmica do centauro pode ser compreendida como uma representação que evoca a relação do sertanejo com a natureza a partir de sua lida com os animais.

O autor de *Os Sertões* parecia buscar decifrar a essência do mestiço do sertão e ainda defendê-lo como cerne da nacionalidade brasileira e, para isso, o apresenta por diversos ângulos sendo a sua relação com a natureza um deles. Nessa passagem, temos a harmonia entre sertanejo e cavalo na perseguição do gado disperso, o que entendemos como mobilização pelo primeiro da natureza a seu favor. No entanto, embora existam outras no mesmo sentido, especialmente que abordam a luta entre sertanejos e soldados, abordada adiante, na figuração em tela, prevalece o afirmado: “o homem dos sertões [...], mais do que qualquer outro, está em função imediata da terra”³⁰.

É nesse sentido que, após representar o gaúcho, já o contrastando com o jagunço, Euclides da Cunha, ainda fazendo uso de antíteses, narra as terras sertanejas em tom trágico, e o vaqueiro inserido nessa atmosfera, de maneira a sugerir essa dependência do mestiço do sertão à terra:

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perenne, o sul, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catastrophes. Fez-se homem, quasi sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infancia, o espantinho das seccas no sertão. Cedo encarou a existencia pela sua face tormentosa. E’ um condemnado á vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem treguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergencia de todas as energias.

Fez-se forte, esperto, resignado e pratico³¹.

A antítese aqui não se faz presente apenas se considerarmos essa passagem em conjunto com a que lhe antecede, a representação do gaúcho. Como evidenciado pelos termos “porém” e “condições opostas”, trazidos na primeira linha, a sua construção, como ocorre com grande frequência no texto de *Os Sertões*, de fato se deu a partir do narrado sobre o gaúcho, que “desperta para a vida amando a natureza deslumbrante

30 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.141.

31 Ibidem, p.118.

que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão”³². “enquanto o sertanejo tem o sol como ameaça perene e “cedo encarou a existencia pela sua face tormentosa [...] compreendeu-se envolvido em combate sem treguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergencia de todas as energias”³³. O jogo antitético dos contrastes também é mobilizado para figurar as condições contraditórias de vida que formaram esse tão “paradoxal” sertanejo: ““horas felizes e horas crueis, de abundância e misérias”³⁴ da qual a natureza é fator determinante e a seca, a chave.

De modo poético, o vaqueiro é apresentado a partir da sua infância e mocidade, ou melhor, da sua passagem por elas, sem muito vivenciá-las em razão dos “períodos sucessivos de devastações e desgraças” trazidos pela seca, o que, se tratando da mocidade, é vazado pelo verbo “atravessou”³⁵ e se tratando da infância, é afirmado de forma direta: “Fez-se homem, quasi sem ter sido criança”³⁶.

Entretanto, rompendo as figurações poéticas da situação do sertanejo, o narrador, de forma curta e direta, lança o que parece ser seu próprio julgamento: “É um condenado á vida”³⁷, e voltando a fazer uso das frases-sínteses, demonstrando admiração pelo que se tornou aquele sujeito nascido e formado em condições tão adversas, afirma em tom categórico: “Fez-se forte, esperto, resignado e prático”³⁸. Tal julgamento evidencia a parcela da estrutura de sentido/sentimento mais vinculada ao seu pensamento científico. Em outro momento, valorando positivamente o sertanejo, Euclides da Cunha afirma que a seca não o apavora e discorre sobre as experiências realizadas por esse mestiço prevendo a chegada da chuva. Aqui, o homem que se propõe como acadêmico demonstra, mais uma vez, seu encanto pelo “não civilizado” sertanejo, com um certo tom de exotismo, característico de seus contemporâneos, ao descrever o funcionamento da experiência e ressaltar o seu caráter supersticioso, valorá-la como “bellissima”³⁹ e “aceitavel”⁴⁰, valoração essa que, apesar de feita com ressalvas, surge justamente a partir de seus supostos conhecimentos científicos.

Ainda tratando da seca, a narrativa euclidiana se apropria da religiosidade do sertanejo para construir suas figurações, pois vaza em sua narrativa a ideia de que, por ter consciência de sua dependência e fraqueza em relação à terra seca – quase sempre árida –, mais forte se torna o seu apego e apelo ao divino. Tal religiosidade é outro tema que recebe atenção constante na obra de Euclides da Cunha, especialmente a partir da participação de Antônio Conselheiro e suas práticas religiosas. Tanto que muitos

32 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.117.

33 Ibidem, p.118.

34 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

35 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

36 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

37 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

38 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

39 Ibidem, p.134.

40 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

estudiosos explicam a resistência apresentada pelos sertanejos na guerra travada contra os militares por meio da crença que esses nutriam de que Canudos, a qual seria a terra da promessa, e que, por isso, morrer defendendo-a lhes garantiria a salvação da alma.

No entanto, para nós, neste momento, a fim de compreendermos o sertanejo representado por Euclides da Cunha, mais do que sobre os efeitos da religiosidade sertaneja ou sobre suas práticas, interessa refletir acerca da percepção apresentada em *Os Sertões* sobre ela:

Insulado deste modo no paiz que o não conhece, em lucta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinaria, nomade ou mal fixo á terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade organica para se affeição á situação mais alta. O círculo estreito da actividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psychico. Está na phase religiosa de um monotheismo incomprehendido, eivado de mysticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do indio e do africano. E' o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo credulo, deixando-se facilmente arrebatado pelas superstições mais absurdas. Uma analyse destas revelaria a fusão de estadios emocionaes distinctos. A sua religião é como elle — mestiça⁴¹.

No excerto, voltamos a perceber os referenciais científicos no texto de Euclides da Cunha, ou melhor, percebemos o retorno de alguns argumentos anteriormente construídos para defender, de modo pretensiosamente acadêmico, o reconhecimento do sertanejo como um mestiço diferentemente dos outros: retrógrado, não um degenerado⁴². Promove, assim, um amálgama entre a orientação científica então vigente sobre a formação das raças e uma compreensão da religiosidade que teria a função de sustentar sua proposta civilizadora – a qual aponta, sempre, um devir para o mestiço que, caso não se efetive por meio de sua civilização, será aniquilado.

É possível inferir que Euclides da Cunha parte da ideia da aniquilação pela guerra, já conhecida no momento de sua escrita, para “ajustar” sua tese sobre as raças. Havemos de ressaltar que, segundo o narrador, a falta de contato com uma “cultura de empréstimo”⁴³ teria lhes proporcionado condições de se constituir fisicamente como fortes, o que possibilita alcançarem a vida autenticamente civilizada no futuro. A plasmagem entre homem, natureza e cultura se completa à medida em que narra o abandono em que vivem os sertanejos: “Insulado deste modo no paiz, que o não conhece”⁴⁴.

Agora, no entanto, sem anular o caráter benéfico de tal isolamento, é explorado

41 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.139.

42 Ibidem, p.111.

43 Ibidem, p.112.

44 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.139.

o caráter “negativo”, na visão do narrador, de tal fator na evolução do sertanejo, que, também em relação ao meio adverso em que vive, não tem, se tratando de religião, “por bem dizer, ainda capacidade organica para se afeiçoar á situação mais alta”⁴⁵. E mais uma vez mobiliza uma frase-síntese, que resume toda sua “explicação científica”: “A sua religião é como elle – mestiça”⁴⁶.

Desse modo, com base nos parâmetros da sociedade em que está inserido, o autor julga negativamente a religião do sertanejo. Mas, mobilizando a noção científica concernente à mestiçagem, se posiciona no sentido de que tal característica do sertanejo é apenas uma fase, o que fica sinalizado pela presença da palavra “ainda” e, mesmo toda a frase, retornando ao presente, em que afirma não ter o sertanejo capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta do que a que se encontra⁴⁷. São figurações de um eterno devir. Assim, sutilmente, critica o país por não conhecer o sertanejo, o que, em nosso entendimento, funciona como argumento retórico de Euclides da Cunha em defesa do seu projeto de civilizar o sertão e do reconhecimento do sertanejo que “É um retrogrado; não é um degenerado”⁴⁸ como cerne da nacionalidade brasileira e que tanto este quanto sua luta deve ser re-conhecidos.

A Luta do sertanejo

Unindo características da narração literária e do discurso científico descritivo, Euclides da Cunha enuncia a batalha entre o Estado, representado pelos soldados das Forças Federais, e os sertanejos residentes em Canudos por meio da metáfora da luta da sucuri flexuosa com o touro pujante, construindo, assim, metaforicamente, a ideia central recorrente na obra: o desempenho desastroso dos militares, apesar de fortemente aparelhados por recursos bélicos e as sucessivas vitórias dos sertanejos de Canudos nos combates que utilizavam estratégias de guerrilha.

Era a lucta da sucury flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distendia os anneis; permittia-lhe a exhaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta; depois se constringia repuxando-o, maneando-o nas roscas contracteis, para relaxal-as de novo, deixando-o mais uma vez se exgottar no escarvar, a marradas, o chão; e novamente o attrahir, retractil, arrastando-o — até ao exaurir completo⁴⁹.

Este trecho último, de uma sequência de parágrafos caracterizada pelo emprego

45 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

46 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

47 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

48 Ibidem, p.111.

49 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.431.

de signos que remetem ao vocabulário técnico-científico, como “espoleta”, “troneiras” e “cumeeira”, responsáveis pelo efeito de objetividade, clareza e exatidão dos conteúdos, serve para quebrar a monotonia do período longo e ainda constitui elemento figurativo da linguagem antitética que vaza a dicotomia ciência *versus* literatura presente em toda a obra *Os Sertões*. Como dispõe Reis e Lopes (1988), a metáfora é um signo específico da literatura⁵⁰, específico, mas polifônico, acrescentamos, a metáfora da sucuri e o touro é figurativa da luta entre soldados e sertanejos, mas também é uma alegoria para o Brasil, cindido entre litoral e sertão.

Ao apresentar nesta metáfora as figuras da “sucuri flexuosa e do touro pujante” como adversários em uma luta e, assim, contrastar tanto os seres, por meio dos adjetivos flexuosa e pujante, como suas estratégias respectivas de luta, o narrador deixa vaziar oposições presentes na base do enredo, pois a metáfora não só sintetiza a sua própria análise acerca da batalha travada entre militares e sertanejos, como também se relaciona à visão, temática e estrutural, que é apresentada no conjunto do livro *Os Sertões*, quanto aos homens do sertão e do litoral, o que nos remete a uma outra figura de linguagem, constituidora desta metáfora: a antítese.

Quanto à presença da antítese na obra de Euclides da Cunha, Corrêa (1978), argumenta:

A antítese é uma das figuras mais caras às preferências pessoais do escritor. Ela não se situa apenas na base do seu raciocínio, como um recurso de expressão de que procura tirar os melhores efeitos, mas também na visão da realidade, na escolha dos temas, na sua própria consciência, que parecia comprazer-se nesse jogo antitético dos contrastes e dos confrontos⁵¹.

Ao afirmar que a antítese se situa na base da urdidura do enredo trazido em *Os Sertões* e nos modos de Euclides da Cunha de perceber o mundo, o que fortalece nossa leitura no sentido de que a metáfora da luta da sucuri flexuosa e do touro pujante se relaciona também ao modo com que o narrador constrói o sertanejo e os soldados fora dos campos de combate, Corrêa se refere às oposições litoral/sertão, cultura/natureza e civilização/barbárie, as quais se fazem presentes em todo o texto de *Os Sertões*, inclusive na metáfora em análise. O jogo antitético dos contrastes e dos confrontos pode ser explicado por meio do dizer de Culler (1999): “[...] o sentido se baseia na diferença”⁵².

Os sentidos polifônicos da metáfora da luta entre a sucuri flexuosa e o touro pujante, nos conduzem a pensar sobre a formação dos elementos de linguagem que

50 REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de Teoria da Narrativa. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).

51 CORRÊA, Nereu. A Tapeçaria Linguística de *Os Sertões* e outros ensaios. Op. cit., p. 18.

52 CULLER, Jonathan. Teoria Literária. Uma introdução. Op. cit. p.60.

permeiam o construto ficcional. Em primeiro lugar, existe o jogo com a arquitetura dos personagens do mito popular: a sucuri e o touro, ambos, nesse campo, tradicionalmente associados a temor e mistério. A sucuri, em razão do seu tamanho e da sua estratégia na caça (espreita seguida de bote); e o touro, por ser tido como valente, impetuoso, rijo e difícil de ser domado.

Apesar dessas e de outras características inerentes a cada uma das duas espécies, inclusive em outros campos de conhecimento e, portanto, trazidas para a interpretação da metáfora, o narrador atribuiu à sucuri e ao touro, enquanto sujeitos, os adjetivos “flexuosa” e “pujante”, respectivamente, o que, por si só, já fornece indícios da maneira com que lutam. A primeira de forma tortuosa, oscilante, flexível e não presa a um plano reto, combativo e duro, como o signo “pujante” e, trazido como adjetivo do touro sugere que este sujeito, poderoso, grande e ofensivo, lute por meio do ataque direto.

Na metáfora, a sucuri não apenas vence a luta, mas vence pelo cansaço, lançando mão de instrumentos que definem sua lentidão, mas também suas estratégias eficazes. Ao invés de perseguir o touro, sua presa, a sucuri o atrai, o que fica evidenciado com a combinação dos signos “novamente” e “atrair” apresentados no final da metáfora, ao narrar a terceira sequência de atos praticados pela sucuri na luta. Alcançando condições seguras para capturá-lo, a sucuri o faz de um modo que lhe aperte, o que é vazado pelo signo “laçada”. No entanto, seu ataque imediato não vai além disso, ela permite que o touro reaja, movimente-se livremente em busca de fuga e, desse modo, gaste energias, para, então, recuperá-lo cansado e fraco, em um processo que lhe debilite ainda mais: “[...] repuxando-o, maneando-o nas roscas contracteis”⁵³. Novamente, a sucuri faz parecer que existem condições de fuga e o touro, mesmo já debilitado, repete a tentativa de livrar-se de seu adversário, esgotando ainda mais suas forças, sendo recapturado em estado de esgotamento e arrastado — “até ao exaurir completo...”⁵⁴.

A semelhança entre a sucuri e os sertanejos e entre o touro e os soldados em uma luta é sustentada a partir da metáfora em conjunto com os parágrafos que a antecedem e as demais passagens distribuídas ao longo do livro. A associação mais direta é encontrada centenas de páginas antes da apresentação da metáfora, nas representações do gaúcho e do jagunço. Uma seguida da outra, trazem como se portam cada um desses sujeitos em batalha.

O gaúcho entra na luta com “despreocupação soberana pela vida⁵⁵”. Assim como o touro, é valente, inimitável e precipita-se ao “resoar estridulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo”⁵⁶; sem estratégia, “atufando-se loucamente nos entreveros; desaparecendo com um grito triunfal, na

53 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.431.

54 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

55 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.120.

56 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

voragem do combate, onde espadanam scintilações de espadas”⁵⁷. Já o jagunço, assim como a sucuri em comparação ao touro, “é menos theatralmente heroico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso”⁵⁸ (CUNHA, 1914, p. 120). Raramente assume “esta feição romanesca e gloriosa” do gaúcho e do touro. E, assim como a sucuri, “está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. Ataca com estratégia, não desperdiça a mais ligeira contracção muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado”⁵⁹.

Em outras passagens, a sustentação se dá pela narração, em sua maioria em uma linguagem denotativa, de episódios da própria guerra entre os sertanejos e os soldados; ou pelo apontamento de características dos dois sujeitos. Em uma delas se tem que, assim como o tamanho da sucuri, a quantidade de sertanejos em Canudos impressionava: E contavam: uma, duas, tres, quatro mil, cinco mil casas! Cinco mil casas ou mais! Seis mil casas, talvez! Quinze ou vinte mil almas — encafurnadas naquella tapera babilonica... E invisíveis”⁶⁰.

Tais enunciados, ao atribuírem a qualidade de invisíveis aos sertanejos de Canudos, também torna possível o apontamento de outra semelhança entre eles e a sucuri: a capacidade de se camuflar. Essa habilidade, quando atribuída à sucuri, é explicada em razão de sua coloração de pele, que, apesar de variar conforme a espécie, costuma possuir um padrão de tonalidades que a faz ser confundida com parte do ambiente em que vive, assim como o sertanejo trajando suas “couraças, suas armaduras flexíveis, feita do couro vermelho pardo, a roupa do vaqueiro, “a qual não tem scintillações, não rebrilha ferida pelo sol. E’ fosca e poenta”⁶¹, embaralhava-se com a caatinga, sobretudo se contrastadas com os uniformes dos soldados no mesmo cenário:

A catinga, mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescencia extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dolmans e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscillantes⁶².

Esse contraste entre as roupas dos sertanejos e os uniformes dos soldados é realizado pelo próprio narrador em outras passagens da obra. Em uma delas, presente na seção intitulada *Crítica*, Euclides da Cunha chega a sugerir expressamente que os soldados deveriam ter aprendido com os vaqueiros e se fardado apropriadamente, já que a roupa do sertanejo, apesar de bizarra, parecia que o robustecia e enrijecia;

57 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

58 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

59 Ibidem, p.121.

60 Ibidem, p.443.

61 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.119.

62 Ibidem, p.356.

enquanto os soldados, ao marcharem pomposos – como o touro –, “vestidos de panno” em meio à caatinga, além de facilmente localizados pelos seus adversários, mal “arriscavam alguns passos, sem que deixassem esgarçados, entre espinheiras e bromélias, os fardamentos em tiras”⁶³.

Como o título da seção que contém essa passagem indica, a sugestão do narrador para que os soldados utilizassem vestimentas como as dos sertanejos veio acompanhada de uma crítica aos militares por não utilizarem tal estratégia: “Mas isto seria uma inovação extravagante. Temeu-se collar á epiderme do soldado a pelle coriacea do jagunço. A expedição devia marchar correctissima. Correctissima e fragílisma”⁶⁴.

Essa crítica, elaborada de forma irônica, além de demarcada pelo contexto em que é inserida (pela repetição do signo corretíssima, pela associação realizada entre este e o signo “fragílisma” e pelo uso dos sufixos intensificadores “íssima” e “isma” na composição deles), traz um tom sarcástico à narrativa e diz mais do que o nível literal do enunciado parece afirmar. Pois, como argumenta Hayden White (1991) “Um modo de representação como a ironia é um conteúdo do discurso no qual ele é usado, e não apenas uma forma”⁶⁵.

Euclides da Cunha ironiza os militares e sua presunção de superioridade, ao enunciar que seria uma inovação “extravagante” adotar essa estratégia e que a não adoção se deu pelo temor dos militares de que, fazendo remissão ao couro de sua vestimenta, a “pele coriácea do jagunço colasse à epiderme do soldado”. Através do jogo entre o termo científico “epiderme” – utilizado ao se referir à pele dos soldados – e o adjetivo coriácea, atribuído à roupa dos sertanejos – tratada na passagem como sua própria pele –, deixa vaziar, assim como em diversas outras passagens da obra, que atributos de animais são utilizados para descrever o sertanejo – que, em sua perspectiva, o que é omitido através de uma debreagem actancial, o exército via os sertanejos como animais ou algo bem próximo disso, ou pelo menos que Euclides tinha essa dada percepção acerca da percepção das tropas no que tange aos sertanejos.

Como já mencionado, a estratégia de caça da sucure é a da espreita seguida de bote. Ela não costuma atacar em ambientes terrestres, onde seus movimentos são lentos, mas sim arrastar suas presas para a água, onde além dela se movimentar com mais agilidade, normalmente, é estabelecido um ambiente inóspito para seu alvo. Tal característica é apontada na metáfora através do signo “atrair”, utilizado como indicação de ação praticada pela sucure em face do touro.

Canudos e seus arredores seria tal ambiente. Favorável à ação do sertanejo e adverso aos ataques realizados pelos soldados – e isso não é apontado apenas pela

63 Ibidem, p.378.

64 Ibidem, p.379.

65 WHITE. Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. In. WHITE. Hayden: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n.13, p. 21-48, 1991.

vestimenta dos sujeitos. No período que antecede à metáfora da luta da sucuri flexuosa com o touro pujante, Euclides da Cunha traz a terra como protetora dos jagunços e, em outras passagens, narra que o conhecimento que o sertanejo tem do “seu lugar” e da flora que o compõe, faz do sertão, em determinadas ocasiões, seu amparo. Ele encontra sombra – mesmo diante da escassez de folhas –, água, alimentos a faltar e material para a produção de cordas flexíveis e resistentes a serem utilizadas na guerra, e ainda revela trilhas abertas em multívias⁶⁶.

Enquanto o militar, como forasteiro, conforme o narrador, estrategicamente despreparado e acostumado com o conforto e comodismo da cidade-grande – onde a terra é plana e limpa e o alimento pronto e servido, diante das últimas folhas amareladas que avista –, se assusta e foge de forma dispersa por caminhos intransponíveis em razão de espinhos e gravetos secos, presos em meio a um labirinto de galhos, abatidos pelos raios de sol recebidos e com as fardas rasgadas⁶⁷. O mencionado despreparo estratégico dos militares é confirmado no início da seção que apresenta a metáfora em análise, quando se tem que os soldados atiravam sem alvo e que a péssima estreia do canhão Withorworth 32 se deu “principalmente do açodamento com que o açulavam”⁶⁸. Tal postura assemelha-se ao modo de agir do touro: não possui estratégia de ataque, ele apenas se lança diante de sua presa, com toda a sua força e instinto agressivo. Os militares fazem o mesmo: se lançam sobre Canudos, com todo seu material bélico e arrogância.

A forma com que o sertanejo luta, fazendo uso da espreita para preparar o “bote”, assemelhando-se assim à sucuri, também é confirmada antes da introdução da metáfora na seção. A narração do insucesso do canhão Withorworth 32, segue com a percepção das linhas inimigas “frouxas mas numerosas, em raios indefinidos pelos recostos do morro”⁶⁹, linhas que, apesar de poderem facilmente ser varadas ou quebradas pelo exército, conforme julgamento do Euclides da Cunha, não o foram, pois a brigada que o fizesse “quando estacasse na marcha, sentir-se-ia novamente circulada, batida pelos flancos e tendo outra vez, em roda, como se brotassem do chão, os antagonistas inexoráveis, jarretando-lhe os movimentos”⁷⁰ como os anéis do corpo contrátil da sucuri.

Assim, percebemos que a metáfora é pré-enunciada antes mesmo de ser apresentada: ao narrar de forma descritiva as ações realizadas pelos soldados e antecipar, com base em combates passados, as reações dos sertanejos caso os primeiros “varassem ou quebrassem as linhas inimigas”, Euclides da Cunha trouxe em uma linguagem denotativa as diferenças de estratégias assumidas pelos soldados e pelos

66 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.244.

67 Ibidem, p.241.

68 Ibidem, p.430.

69 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. Op. cit., p.431.

70 CUNHA, Euclides da, loc. cit.

sertanejos de Canudos na batalha que travavam:

Além disto, encafurnados numa dobra de morro, atirando por elevação e sem alvo, as nossas descargas sobre innocuas implicavam esteril malbaratar das munições escassas. Por outro lado, o effeito do canhoneio se patenteou francamente nullo. As granadas, explodindo dentro das casas perfuravam-lhes as paredes e os tectos e como que se amorteciam entre os frageis anteparos de argilla – estourando sem ampliarem o raio dos estragos, cahindo muitas vezes intactas sem arrebutarem as espoletas.

[...]

Conteirara-se, visando-a, o Withorworth 32, que viera adrede para lhe derrubar os muros. Rugiu, porém, neste dia, sobre ella sem a atingir: as balas passavam-lhe, silvando, sobre a cumeeira. Perdiam-se nos casebres unidos. Uma unica tombou sobre o adro, escaliçando a fachada. As demais se perderam. Essa péssima estrêa do colosso proveiu, principalmente do açodamento com que o açulavam.

[...]

Era um sitio em regra —embora disfarçado no rarefeito das linhas inimigas, desatando-se, frouxas mas numerosas, em raios indefinidos pelos recostos do morro. Uma brigada, um batalhão, uma companhia mesmo, poderia varal-as pelos claros que as scindiam ou quebral-as numa carga de bayonetas; mas quando estacasse na marcha, sentir-se-ia novamente circulada, batida pelos flancos e tendo outra vez, em roda, como se brotassem do chão, os antagonistas inexoraveis, jarretando-lhe os movimentos. A tactica invariavel do jagunço expunha-se temerosa naquelle resistir ás recuadas, restribando-se em todos os accidentes da terra protectora⁷¹.

As figuras mobilizadas pelo narrador nas passagens acima transcritas, caracterizando o fracasso dos soldados e a resistência do sertanejo, produzem o efeito de eficácia à medida que conduzem o leitor para uma “visualização” dos acontecimentos narrados, assim como na percepção das diferenças apontadas entre os sujeitos: soldados e sertanejos. Termos técnicos, como “munições, canhoneio, granadas, espoletas, troneiras, Withorworth 32 e batalhão”, que pertencem ao campo semântico bélico; e “cimalha, paredes mestras, cumeeira e adro”, termos pertencentes ao campo semântico da construção civil, criam um efeito de exatidão e de verossimilhança à narração de Euclides da Cunha, o que, se considerarmos a menção à Taine e a declaração de que pretende expressar em *Os Sertões* a “sinceridade” que deve ter um narrador diante da história, realizadas na nota preliminar de seu livro, entendemos como um efeito buscado e realizado pelo autor.

71 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.429-431.

Quanto à metáfora, ao mesmo tempo em que distancia a narrativa da urdidura científica, ao recriar o tema fracasso dos soldados e resistência dos sertanejos, caracterizando os primeiros como o touro, e os últimos como a sucuri, além de fazer despertar no leitor, que – em razão da vasta utilização de verbos, da utilização e até desnecessária repetição de pronomes oblíquos e do ritmo ditado pela maneira com que a metáfora é pontuada –, parece conseguir sentir o movimento da luta entre a sucuri e o touro, que proporciona um impacto expressivo por meio dos contrastes apontados entre sertanejos e soldados, funcionando então, como argumento retórico.

Esse argumento retórico pode ter sua importância elevada caso consideremos que a escolha do touro para representar os soldados pode ter ocorrido em razão da relação dos sertanejos com a vaquejada na qual, na cultura nordestina, o vaqueiro sempre vence a batalha contra os touros que se perdem no sertão e se tornam bravios. Quanto à opção pela sucuri, evidentemente, não há analogia possível quanto a uma “realidade científica”, visto que essa serpente da família *boidae* não ocorre no semiárido nordestino. Entretanto, convém lembrar que o autor era um estudioso da flora e da fauna brasileira, a opção deve ter se dado a partir do conhecimento de ser esta a serpente constritora maior e mais possante do Brasil, a que se adequava, portanto, para representar o sertanejo na metáfora: como sustentado ao longo deste artigo, Euclides da Cunha defende em *Os Sertões* a tese de que o sertanejo era o “cerne de nossa nacionalidade”⁷², e, como argumenta Denis Bertrand, o “inteligível torna-se tanto mais convincente quando é sustentado pelo sensível, e o sensível, tanto mais “real” quanto mais se encontra confirmado pelo inteligível”⁷³.

Isso é revelador da construção da narrativa euclidiana enquanto plasmagem entre as atmosferas e estruturas de sentido/sentimento referenciadas culturalmente em uma formação científica e literária.

Recebido em 27 de abril de 2018.

Aprovado em 19 de junho de 2018.

72 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Op. cit., p.218.

73 BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.p.148.